

Situação continua bastante tensa

Contingente policial protege Pataxós que estão armados para defender as terras

JACARECI — (DE Kleber Torres Correspondente) — É bastante tensa a situação em Jacareci, onde um grupo de indígenas dissidentes da tribo Pataxó — Há Há Hãe, ocupou as fazendas Providência e Bom Jardim, dos agricultores Idalina Gomes e Luis Alves de Lima. Na madrugada de ontem, um grupo de fazendeiros da área arrombou um dos portões de acesso ao local onde estão os indígenas, que estão sendo protegidos por um contingente policial fortemente armado.

Tudo parece muito indeciso e as negociações são muito lentas, com pouca objetividade. Os primeiros contatos com os indígenas foram iniciados pelo titular da 15ª Diretoria Regional de Polícia Ezequiel Nunes, que considera a sua etapa encerrada porque contatos já foram mantidos diretamente entre dirigentes da Funai e os indígenas, que estão irredutíveis e não pretendem abandonar em nenhuma hipótese o local.

Por outro lado, quem também participou das primeiras negociações foi o delegado da Funai na Bahia, Eustáquio Machado, que considera a situação como muito tensa e acha que a função

da PM será a de evitar o possível conflito entre índios e agricultores, "porque como funcionário da Funai nos compete negociar e garantir a segurança dos indígenas".

TENSAO

Ontem o dia começou mais tenso ainda. Antes da chegada de 50 homens do Segundo Batalhão que foram guarnecer a área, um grupo de fazendeiros arrombou um dos portões da fazenda, por pouco não acontecendo um conflito de maiores proporções. Isto foi evitado após a chegada do contingente da PM.

Pela manhã chegou na área o diretor do Departamento de Assistência Indígena da Funai, Carlos Roberto Gross, com alguns assessores da Funai, que conversou demoradamente com produtores da área e em especial com os indígenas que se mostraram irredutíveis em suas posições, não aceitando qualquer hipótese de negociação para sua retirada da área.

No início da tarde, ele retornou para Salvador, onde manteve uma audiência com o governador João Durval Carneiro, com quem o problema foi am-

plamente discutido. Os índios ocuparam há cinco dias as fazendas Providência e Bom Jardim — esta última uma parte —, que estão localizadas numa área que está em litígio judicial entre a Funai e mais de 800 agricultores, que ocupam o equivalente a 360 mil hectares.

AGRICULTORES

Por outro lado, os agricultores de Jacareci e adjacências reclamam da falta de objetividade do governo nas negociações e muitos falam inclusive da possibilidade do uso da força para retirada dos índios, o que está sendo contido em parte pela presença de policiais. Os índios também têm algumas armas, em especial espingardas e revólveres, que consideram como essenciais para a sua defesa. Na verdade, depois da ocupação da fazenda São Lucas, em Pau Brasil, o contrabando de armas passou a ser um negócio na área e muitos agricultores adquiriram armas, inclusive metralhadoras, para defender-se de qualquer possível ação dos indígenas.

O proprietário da Fazenda Bom Jardim, Luis Alves de Lima, considera

a invasão "como um atentado a propriedade privada. Na verdade isto é uma baderna, onde ninguém entende nada e o governo parece ser indiferente a tudo. Hoje nós não conseguimos mais acreditar no próprio governo que não garante sequer a posse de uma propriedade agrícola".

Para um dos filhos de Idalina Neris, Salvador, a situação é crítica, porque a fazenda Providência é a nossa única fonte de renda e de sustento e com a sua tomada, nós não temos o que fazer e nem opções de sobrevivência, porque vivemos da colheita de cacau.

ÍNDIOS

O cacique Nailton Muniz, Pataxó, não admite negociar a saída das terras ocupadas. Para ele, "viemos para este lugar porque esta terra é nossa e o meu grupo está desesperado. Nós precisamos de trabalho e não temos nenhuma opção. Na verdade, nossa terra é nossa casa, nossa vida e dela nós queremos viver".

Ao enfatizar que sem terra "nós não temos nada", ele declarou ainda que,

"se alguém quiser nos convencer é melhor não vir cá, porque só saímos em guerra". Assinalou também que, "se alguém tem terras e quer resolver o problema, que dê para os fazendeiros, porque nós vamos ocupar uma área que era nossa e que foi tomada com muita violência".

Informou ainda, que na área estão cerca de 280 pessoas — mas existem estimativas de que este número seja um pouco menor — também não há negociação, por que nossa terra não pode ser negociada e nem vendida, pois os índios são os seus donos.

— O Brasil mesmo era todo nosso. Hoje está cheio de invasores, e pessoas agressivas, muitas delas inclusive matando índios.

Ele denunciou que no passado, na área vários índios foram até enterrados vivos e que outros com suas famílias foram expulsos das terras! Hoje o negócio mudou, o índio quer viver e por isto estamos em guerra. A nossa vingança é a tomada das nossas terras".

No contato que manteve com a reportagem do JBa., também estiveram outros índios, inclusive o capitão dos indígenas Somado Santos Pataxó, quem tem autoridade no grupo.

ÍNDIOS PRESOS

Os índios Higino e Sebastião, Muniz, continuam presos na cadeia pública de Camacã, onde estão detidos há meses, após o assassinato do cacique Edsio Pereira da Silva, que ocorreu na fazenda São Lucas, em Pau Brasil. Eles foram transferidos para Camacã, porque a cadeia é considerada como mais segura e porque em Pau Brasil, até agora não existe delegado.

O delegado da Funai, Eustáquio Machado, informou que os índios poderão ser liberados em breve, porque os advogados da Funai estão com um pedido para o relaxamento da prisão, que foi concedido a um outro índio, Domingos Muniz, que foi liberado.

Em Camacã, o delegado local, Francisco Lavor informou que os índios não estão passando fome porque a sua alimentação é fornecida pela Secretaria da Justiça do Estado.